

**A palavra do outro e seus percursos
na formação ideológica dos homens**

**(La palabra de lo otro y sus trayectorias en la
formación ideológica de los hombres)**

Rosa Helena Blanco MACHADO*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA (UNEB)

RESUMO

Neste texto, buscamos mostrar que o estudo dos procedimentos de transmissão do discurso do outro, no sentido de Bakhtin facilita a compreensão do critérios para entendermos melhor como a linguagem funciona nos diálogos cotidianos.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin. Discurso do outro. Dialogismo. Formação ideológica.

RESUMEN

En este trabajo tratamos de demostrar que el estudio de los procedimientos para la transmisión de le discurso de los otros, siguiendo los postulados de Bajtín, facilita la comprensión de los criterios para comprender mejor cómo funciona el lenguaje en las conversaciones cotidianas.

PALABRAS CLAVE

Bajtín. Discurso de los otros. Dialogismo. Formación ideológica.

* Sobre a autora ver página 92.

Em Marxismo e filosofia da linguagem, Bakhtin/Voloshinov discute os estudos linguísticos realizados até então por Saussure, e embora reconheça, por um lado, nestes estudos sua seriedade e seus acertos na consideração da língua como um sistema de sinais, por outro aponta para falhas que, segundo ele, comprometem uma verdadeira compreensão do fenômeno da linguagem..

Bakhtin não se satisfaz com a explicação dada pelo linguista genebrino para o fato linguístico. Para o autor russo, a oração é uma unidade da língua, inteligível, examinada do ponto de vista de sua organização sintática e de sua significação. Mas, conforme suas palavras a esse respeito:

[...] é impossível adotar, a respeito dessa oração isolada, uma atitude responsiva ativa, a não ser que saibamos que o locutor, mediante essa oração, disse tudo o que queria dizer, que essa oração não é precedida, nem seguida de outras orações provenientes do mesmo locutor (BAKHTIN, 1992, p. 306).

Entende que o exame de uma oração, a unidade da língua, desvinculada totalmente da situação de uso, fora da interação verbal nada diz verdadeiramente da natureza da linguagem, pois que não considera o **acento** que cada palavra carrega consigo; não é possível adotar-se com relação a esta oração uma atitude responsiva ativa, isto é, que considere uma resposta do interlocutor, com seu acento e o tom concedido a este dito. Analisar assim a língua é não admitir as variações de tom e expressividade que as palavras carregam e das quais nos apropriamos em outras interações de fala já vivenciadas anteriormente.

A abordagem da língua e da significação, tal como se apresenta nos estudos de Saussure, está fundamentada na idéia de língua como um sistema rígido de sinais, um sistema monológico que rege e controla os significados. Não considera o discurso realizado em uma situação sócio verbal; não avalia o peso das interações verbais para a vida da palavra. Enfim, não vê a natureza dialógica da palavra.

Em seu texto de 1930, **O discurso no romance**, ainda tecendo considerações sobre a natureza concreta da língua, em oposição à abstração do sistema da língua no viés saussureano, para examinar a heteroglossia do gênero romanesco, Bakhtin (1988) diz:

A língua, enquanto meio vivo e concreto onde vive a consciência do artista da palavra, nunca é única. Ela é única somente como sistema gramatical abstrato de formas normativas, abstraída das percepções ideológicas concretas que a preenchem e da contínua evolução histórica da linguagem viva. A vida social viva e a evolução histórica criam, nos limites de uma língua nacional abstratamente única, uma pluralidade de mundos concretos, de perspectivas literárias, ideológicas e sociais, fechadas; os elementos abstratos da língua, idênticos entre si, carregam-se de diferentes conteúdos semânticos e axiológicos, ressoando de diversas maneiras no interior destas diferentes perspectivas (BAKHTIN, 1988, p. 96).

Para Bakhtin (1988), a estilística tradicional, sob a qual estamos acostumados a compreender os fatos de linguagem, e contra a qual o referido autor se posiciona, nos faz entender, ainda segundo este autor, na resposta do outro, uma palavra que não contempla nenhuma “resistência do discurso de outrem”, uma palavra neutra, não matizada, que não recebe tons nem acentos, por isso mesmo uma resposta que não pode incomodar nem servir de contestação: a palavra deve ter apenas aquela compreensão, aquele sentido. Fugir a esse sentido é não conhecer a palavra, é desconhecer-lhe o significado, único. Entende-se também que a compreensão do objeto seja igualmente monológica, não tocada pela acentuação que lhe emprestam as várias situações nas quais aquela palavra já foi significada. O estudo da linguagem não tem incorporado esses matizes e tons que as pessoas emprestam ao discurso, submetido ao ritmo das falas das quais participam.

A palavra, vista dessa outra forma, permite a compreensão de “uma pluralidade de mundos concretos”, permite a aceitação de diferentes visões de mundo a serem apreendidas a partir da língua enquanto um sistema carregado de diferentes conteúdos semânticos

absorvidos na corrente histórica da vida da linguagem, em sua evolução. As significações não devem ser aprisionadas em um sistema linguístico fechado em si mesmo e abstraído das percepções ideológicas concretas que nos cercam enquanto falantes de uma linguagem afetados por condições sócio-históricas e ideológicas.

O que dizemos, o que falamos ou escrevemos “está repleto de palavras do outro”, conforme se lê ainda na citação abaixo:

É por isso que a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. É uma experiência que se pode, em certa medida, definir como um processo de assimilação, mais ou menos criativo, das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nossa fala, isto é, nosso enunciado (que inclui as obras literárias) está repleto de palavras do outro, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras do outro introduzem sua **própria expressividade, seu tom valorativo**, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (BAKHTIN, 1992, p. 314), (grifos nossos).

Se somos formados no caldo cultural da sociedade que nos abriga, se nos constituímos e a nossa consciência pelo mergulho nessas experiências, nas palavras do outro, do nosso interlocutor, ao mesmo tempo em que vamos imprimindo à linguagem também o nosso tom, (então) as representações e as significações com as quais lidamos e orientamos nosso mundo e nosso comportamento são aquelas “possibilidades”, geradas nessas relações e interações vivenciadas. E nessa pluralidade podem emergir significações do discurso nem sempre harmoniosas com as nossas representações. Daí advêm os impactos que nos provocam, muitas vezes, certos dizeres que circulam pela sociedade.

Vejamos alguns fatos bastante divulgados por nossa imprensa, a exemplo do jornal A Tarde¹, e que geraram manifestações diversas. Um dos fatos a que bnos referimos diz respeito à violência sofrida por Sirley

¹ Malu Fontes. “As violentas crianças da classe média brasileira”, A Tarde, Revista da TV, p. 9, 1º. julho de 2007.

Dias, uma mulher, de 32 anos, doméstica, que sofreu agressão física e moral, espancamento, xingamento e roubo por quatro jovens de classe média alta que acabaram por ser presos no último mês de junho. Muitos foram os comentários e reportagens sobre o acontecido. As citações que trago aqui foram retiradas de um desses artigos, publicado no jornal *A Tarde*. Segundo o texto lido, o pai de um dos rapazes agressores, diante do fato de seu filho vir a ser preso, diz:

Não é justo que crianças que estudam, que estão na faculdade, que trabalham, sejam mantidas presas. Tem que ter outra forma de punição. Não é justo prender cinco jovens que têm pai e mãe e juntar com bandidos que a gente não sabe de onde vieram.

Diante dessa manifestação indignada de um dos pais dos agressores, deparamo-nos com uma fala em que se denomina de “crianças” rapazes maiores de dezoito anos que às 5 (cinco) horas da manhã, em carro particular, param em um ponto de ônibus unicamente com a finalidade de atingir a moça que se encontrava ali à espera de condução.

Também não corriqueira é a oposição que se estabelece, na sua fala, entre a palavra “bandidos”, que aparece ao final do texto nomeando um grupo de pessoas que seriam consideradas como pessoas do mal, infratoras, e o grupo dos jovens acusados de agressão a Sirley, chamados, como visto acima, de “crianças”. Por esta formulação, os agressores de Sirley não são bandidos. Bandidos são aqueles com quem eles vão se encontrar na prisão. Os rapazes são “crianças”, são estudantes que trabalham, têm família constituída de pai e mãe: não podem ser considerados bandidos, não são bandidos.

Lê-se também no artigo visitado, mais uma fala deste pai referido, agora tentando mostrar que as atitudes dos rapazes não foram tão agressivas: o objeto da agressão, no caso, Sirley, é que apresentava condições que aumentaram os efeitos dos feitos dos rapazes: “Sirley é mulher, é mais frágil, por isso fica roxa apenas com uma encostada”.

Aqui, “encostada” deve assumir o significado de um espancamento leve, não tão danoso quanto o que foi noticiado.

Os sentidos que se pretende fixar nas palavras do pai referido procuram evidenciar que os rapazes fizeram algo errado, por isso devem ser punidos; mas não como bandidos, eles não podem ficar presos, são criaturas, de certo modo, ingênuas, são crianças, são jovens, os quais não merecem o tratamento que estão querendo lhes dar. O feito dos agressores não se constituiu propriamente uma agressão, o problema é que Sirley é mulher e frágil e, nesse caso, os efeitos da ação/agressão dos jovens se tornam muito evidentes. Ainda nessa linha de tentativa de justificativa, enquadra-se a surpreendente explicação para o ato, dada pelos agressores e divulgada pela mídia. Segundo a articulista do texto visitado, comentando a ação da mídia em torno do caso:

“A cena diante desse episódio seria outra se um grupo de cinco jovens da periferia agredisse uma jovem bem nascida na Barra da Tijuca. Os textos seriam outros, inclusive dos repórteres televisivos, que chegaram a usar construções do tipo— ‘eles confessaram a agressão, mas apresentaram uma justificativa: pensaram que era uma prostituta’”.

Prostituta é então aí uma palavra que designa uma pessoa que pode ser agredida por outras, sem que isto constitua um crime para aquele que agrediu – que, então, neste caso, nem seria agressor.

Se, por um lado, constata-se aqui um conjunto de significações atribuídas a um pai que pretende inocentar o filho e caracterizar suas atitudes como não criminosas, significações as quais deixam indignada uma parcela da população, por outro lado, entender esses eventos de linguagem e seus sentidos tão somente como desvios intencionais, do sentido “verdadeiro”, corriqueiro da palavra, praticados de modo a defender, no caso, os rapazes infratores, pelo genitor de um deles, parece-me uma idéia muito redutora do que é e de como funciona a língua e a linguagem nas relações humanas: dizer, por exemplo, tão naturalmente

que o pai do menino não tem pudor, ao declarar o que declarou, pressupõe que o “verdadeiro” sentido da palavra foi aí aviltado.

Mas o que digo é que essas falas aqui praticadas são plenas de sentidos e, no caso, divulgadas através da mídia; são significações que circulam no campo de atuação social destas pessoas, nas mais diversas interações de que participem. Daí essas pessoas colhem o entendimento de que o feito dos rapazes não tem as mesmas características de uma agressão que fosse praticada, por exemplo, por um bandido do tipo descrito na fala anterior do pai. E é desse manancial, isto é, a partir destes comentários e destas formulações linguísticas, que as pessoas se nutrem na construção de seus referenciais, na constituição das representações sociais que vão reger suas consciências e que vão conduzi-las na sua relação com os outros e com o mundo.

Se a consciência se faz da expressão, como quer Bakhtin, “se não é a atividade mental que organiza a expressão mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (BAKHTIN, 1994, p. 112), a expressão destas pessoas reflete e refrata sentidos que circulam nas várias situações de interação sócio-verbal vivenciadas por elas.

No estudo intitulado *O discurso no romance*, Bakhtin faz uma análise específica sobre o “homem que fala” no romance, sobre o homem que fala na esfera da vida cotidiana e sobre a transmissão da palavra de outrem no seu discurso. Sobre a vida cotidiana ele diz:

O tema do sujeito que fala tem um peso imenso na vida cotidiana. Ouve-se, no cotidiano, falar do sujeito que fala e daquilo que ele fala. Pode-se mesmo dizer: fala-se no cotidiano sobretudo a respeito daquilo que os outros dizem — transmitem-se, evocam-se, ponderam-se, ou julgam-se as palavras dos outros, as opiniões, as declarações, as informações; indigna-se ou concorda-se com elas, discorda-se delas, refere-se a elas etc. (BAKHTIN, 1988, p. 139).

Significa isto que nossas palavras estão sempre de algum modo retomando palavras do outro, quer seja na forma de adesão total, quer

seja em posições de confronto, de discordância. Isto se aplica a todo e qualquer evento de linguagem praticado pelos homens entre os homens, em suas diversas práticas sociais e interações verbais.

Em um outro artigo também publicado recentemente, no mesmo jornal *A Tarde*² a articulista explora algumas notícias em torno da temática da violência, alvo da imprensa na semana, dentre as quais ela dá ênfase à chacina ocorrida no Bairro da Paz, favela da capital baiana, vitimando cinco homens todos com idades variando entre vinte a vinte e cinco anos.

A articulista comenta as notícias veiculadas pela mídia marcadas pela violência que se registra em Salvador e no país e de como a polícia age em circunstâncias como estas, na apuração dos crimes e punição dos assassinos/criminosos. No decorrer de sua exposição, a autora traz para seu texto e para sua argumentação o também recente fato da localização na Europa do banqueiro brasileiro-italiano que estaria “foragido” do país desde o escândalo do Banco do qual era dono, e comenta sobre o fato com as palavras abaixo, entre outras:

O filho do banqueiro já argumentou, em Roma, que seu pai não é um criminoso: “Meu pai não matou ninguém, não estuprou”. Tá certo, afinal, desde quando crime financeiro dá cadeia neste País?

Em relação à chacina referida, na composição do seu texto, a articulista faz a seguinte apreciação: “Um dos chacinados teve seu currículo criminal ‘estranhador’ divulgado na imprensa: ‘acusado de furtar desodorante em um supermercado’”. Com essas palavras, constituídas também das palavras de outrem, ela tece o seu discurso procurando marcar as diferenças de tratamento que receberam da/na mídia as duas notícias, que abordam, de um lado, um crime financeiro que redundou em prejuízo para a nação brasileira no valor de R\$1.600 bilhão, debitado ao Banco Central - portanto dívida da nação, dívida de todos os brasileiros - e, do outro, crime de roubo de desodorante em supermercado, e os destinos de cada um dos agentes destes crimes.

² FONTES, Malu. O ladrão de desodorante, *A Tarde*, Revista da TV, 23/09/2007, p.11.

Para mostrar as diferenças entre as formas de construção da notícia e sua divulgação pela televisão e também pela imprensa escrita, a autora traz as palavras de envolvidos em um e outro caso e de terceiros que se posicionam sobre os assuntos. O que se retém do texto é que o filho do banqueiro não considera crime as ações do pai, porque este não matou nem estuprou ninguém. Retomando a fala do rapaz e avaliando-a com um comentário irônico e objetivo “Tá certo”, a autora certamente desautoriza essa fala, descredenciando-a, através da ironia. Mas não a exime de sua responsabilidade de atuação e do poder de persuasão, através da informação veiculada na mídia, na formação do leitor; o qual se depararia com um quadro de informações em que se constata dois entendimentos: a uma destas pessoas que cometeram essas ações – um rombo de bilhão de reais – é concebível um tratamento compatível com a idéia de que a natureza de sua ação (o rombo do banco) não é criminosa; à outra pessoa – anunciada como ladrão de desodorantes em um supermercado – é dirigido um tratamento diferenciado e o seu ato é considerado crime, daí, quem sabe, sua morte justificada / até anunciada.

Fazendo uso ela própria – a articulista – da palavra do outro, marcando-a com aspas, quando entende que assim deve fazer; ou ironizando-a, que é uma outra forma de tomar a palavra alheia, só que para desautorizá-la, a autora do texto constrói seu próprio discurso que se propõe a mostrar o poder da palavra, seus impactos e reflexos na formação da opinião pública, a partir da análise dos meios de comunicação, que permitem a multiplicação deste ideário.

A autora, quando compõe seu discurso a partir do que diz ser as palavras do filho de um dos personagens-foco do texto, recorre a diversos procedimentos de enquadramento da palavra do outro em seu próprio discurso. Observe-se que ela divulga as palavras deste personagem sem estabelecer nem esclarecer qualquer aspecto sobre as circunstâncias nem contexto em que se deu a referida fala: não se lê, na fala atribuída ao filho de Caciolla, que ele teria dito que seu pai não é criminoso. No processo de transmissão da palavra de outrem, a autora

opta por colocar entre aspas algumas falas, e não outras, e isso se faz segundo sua vontade.

Bakhtin aponta para essas possibilidades de escolha do aspeamento de algumas falas e não de outras na construção do nosso discurso escrito, quando discute as formas de transmissão da palavra do outro em nossa palavra. Neste fragmento do texto da articulista, deixa-se ver que nem tudo que é considerado como fala do filho do banqueiro vem entre aspas, mostrando que os limites entre o que ele disse, explicitamente, e o que se pode concluir como dele, pela forma como se deu a transmissão e inserção da palavra alheia no discurso da jornalista, são tênues, e de difícil compreensão quanto ao que é do filho do banqueiro e quanto ao que é da jornalista. Não se tem a transmissão direta da fala do filho do banqueiro, de que seu pai não é criminoso, aspeada, marcando sua origem: é a própria autora que atribui esta fala ao filho de Cacciola, o banqueiro referido, mas a construção do seu discurso e a transmissão da palavra de outrem se faz de tal modo que se acaba compreendendo que o referido rapaz também teria comunicado – “o rapaz argumentou” é o que ela diz – que seu pai não é criminoso posto que “não matou nem estuprou”

Aqui, cabem as palavras de Bakhtin quando discute as formas de transmissão das palavras de outrem:

Por maior que seja a precisão com que é transmitido, o discurso de outrem incluído no contexto, sempre está submetido a notáveis transformações de significado. O contexto que avoluma a palavra de outrem origina um fundo dialógico cuja influência pode ser muito grande. Recorrendo a procedimentos de enquadramento apropriados, pode-se conseguir transformações notáveis de um enunciado alheio citado de maneira exata (BAKHTIN, 1988, p. 141).

No exame da fala de outrem e de sua assimilação na esfera da vida cotidiana dos homens e das mulheres em sociedade, Bakhtin busca traçar os modos e os meios de transmissão da palavra alheia em nossa palavra. E se coloca duas questões:

- Como se dá essa transmissão?
- Que procedimentos levam à transmissão (e incorporação) das palavras de outrem em nosso discurso?

O estudo da palavra de outrem, acolhido no interior de suas reflexões sobre dialogismo e heteroglossia, toma aqui então o caminho em direção à questão da **formação ideológica dos homens**: compreender a introdução da palavra do outro vai iluminar a compreensão sobre a evolução ideológica do homem: “um processo de escolhas e de assimilação das palavras de outrem” (BAKHTIN, 1988, p. 142).

Essa palavra de outrem assume neste processo de formação ideológica do homem, um matiz diferenciado, relacionado às “bases da nossa atitude ideológica em relação ao mundo e (às bases de) nosso comportamento” (BAKHTIN, 1988, p.142). Duas categorias são propostas então de conceituação da palavra de outrem no processo de transmissão do discurso: a palavra de autoridade e a palavra interiormente persuasiva.

A formação ideológica do indivíduo se faz no espaço de entendimento e dos embates entre essas duas categorias da palavra de outrem; faz-se no confronto entre esses dois movimentos da palavra viva e socialmente significada. O embate entre *a palavra de autoridade* e aquela *internamente persuasiva* marca a caminhada e a expressão ideológica do indivíduo. É então que ocorre o processo de “escolha e de assimilação das palavras de outrem”.

Essas duas categorias da palavra de outrem, e as formas de sua transmissão, parecem acontecer de modo alheio ao indivíduo, isto é, ele não tem necessariamente de ter consciência sobre o que ocorre com o seu processo de formação ideológica. São duas categorias diferenciadas, cada uma das quais encontrada em circunstâncias específicas, que podem ser absorvidas diferentemente nos vários momentos de uso da palavra. A transmissão com mais ênfase de uma ou de outra palavra fará a diferença entre as pessoas, do ponto de vista de sua formação ideológica, levando à caracterização de uns e outros, conforme o peso que cada uma dessas palavras tem/teve para essa formação.

A *palavra de autoridade*, como o seu nome já indica, é a palavra ligada à autoridade. No dizer de Bakhtin “É a palavra ‘que já existe’”, ela é já “encontrada de antemão. [...] Ela ressoa numa alta esfera e não na esfera do contacto familiar” (1988, p. 143). Nela não cabem modificações, devemos aceitá-la como um bloco fechado.

A *palavra de autoridade* é “a palavra do pai”: aquela que não escolhemos, ela nos preexiste, ela nos é imposta, e nós podemos ter com ela uma relação “fervorosa ou hostil”. É a palavra da religião, da ciência, a palavra da autoridade, que a ela está relacionada.

A *palavra de autoridade*, nós somente a assimilamos, de fato, se nós a reconhecermos, se lhe conferirmos esse poder de autoridade. Para Bakhtin, a *palavra de autoridade* só nos atingirá se lhe dermos esse reconhecimento. Isso não implica aceitar o que ela diz, mas em fazê-la juntar-se à nossa palavra *internamente persuasiva*. Ainda que seja através de uma relação hostil.

Já a *palavra persuasiva internamente* parece caminhar por vias bem diferentes daquelas palmilhadas pela *palavra de autoridade*.

A *palavra internamente persuasiva* “carece de autoridade, não se submete a qualquer autoridade, com frequência é desconhecida socialmente (pela opinião pública, a ciência oficial, a crítica) e até mesmo privada de legalidade” (BAKHTIN, 1988, p. 143).

A *palavra internamente persuasiva* “é determinante para o processo da transformação ideológica da consciência individual” (BAKHTIN, 1988, p.145). Em seu processo de transmissão, a *palavra internamente persuasiva* vai-se mesclando à nossa palavra, isto é, aquilo que temos como nossa palavra, a nossa consciência naquele momento:

No fluxo da nossa consciência, a palavra interior é comumente metade nossa, metade de outrem. Sua produtividade criativa consiste precisamente em que ela desperta nosso pensamento e nossa nova palavra autônoma, em que ela organiza do interior as massas de nossas palavras, em vez de permanecerem numa situação de isolamento e imobilidade (BAKHTIN, 1988, 145).

O evento de linguagem que vamos ver agora é, diferentemente dos anteriores, um evento de língua falada, uma conversa entre dois interlocutores diferentemente postos na sociedade, tanto do ponto de vista social, quanto econômico e educacional, configurando um diálogo já descrito como diálogo assimétrico. Trata-se de uma entrevista realizada por esta pesquisadora e uma menina de rua, de Salvador, de cerca de 15 anos, que à época era atendida pelo Projeto Cidade Mãe, um programa de ressocialização das crianças e adolescentes de rua, da Prefeitura de Salvador.

PESQUISADORA (PESQ.) — (...) Você, portanto, tem seu pai... não mora com você mas tem o seu pai, tem a sua mãe, tem seu irmão... G. você acha importante ter família, não é?

ENTREVISTADA (ENTR.) — Acho.

PESQ. — Por que minha filha? Por que que você acha que ter família é importante?

ENTR. — [Silêncio]

PESQ. — Diga do jeitinho que você achar que é... Ajuda as pessoas, ter família?

ENTR. — Ajuda.

(...)

PESQ. — Então, prá você, como é que a família pode ajudar as pessoas? Você tem... que é que você acha disso?

ENTR. — [silêncio]

PESQ. — Se família... é bom ou não é bom? Se (família) ... pode ajudar uma mocinha, um menino? Como é? Que é que você acha disso?

ENTR. — [silêncio]

PESQ. — Eu sei que você sabe, eu sei que você tem seu pensamento [-] É do jeito que você acha que tem que dizer.

ENTR. — [Não sei dizer]

PESQ. — Não sabe? Mas você acha que família ajuda?

ENTR. — Ajuda sim, numa coisa.

PESQ. — Ajuda numa coisa. Em quê?

ENTR. — [silêncio]

PESQ. — Repare bem: uma menina que tem uma família, uma menina que não tem família. Que é que é mais interessante?

ENTR. — Ter a família e ficar [sempre junto da família]

PESQ. — Sim. Por que?

ENTR. — Eu acho mais protegido.

PESQ. — Mais protegida né, tia? Mais protegida e que mais?

ENTR. — Sei lá.

PESQ. — A mãe protege mais, não é isso? (...).

O entendimento geral do que acontece neste fragmento de diálogo gira sempre em torno da idéia de que ocorre aí uma dificuldade da menina em falar sobre família. De fato, um texto argumentativo falando da importância de família para aquela menina, não acontece, pelo menos não como o entendemos e como o concretizamos, embora haja algum comentário da garota em relação ao que lhe foi perguntado, mesmo em uma fala cercada de hesitação, evasiva e de silêncio. Em princípio, a menina concorda quanto ao papel da família, embora não dê qualquer justificativa. Segue-se mais um período de silêncio, até que, cercada pelas perguntas da pesquisadora, ela diz que família “ajuda sim, numas coisa”

A fala da menina está permeada pelo silêncio: ela se recusa a falar do tema proposto e o silêncio emerge com força nessa entrevista como em tantas outras semelhantes. A pergunta que se faz com insistência aí é: por que ocorre esse silêncio, essa hesitação? O que ele significa?

A fala que aí esperávamos e que não acontece é a fala sobre o tema da família, sempre tendo em mente a família tal como a concebe a interlocutora pesquisadora. O que se propunha à menina era sua (dela) exposição sobre o tema da instituição familiar, considerando sua função, importância para a sociedade e composição. Acreditava-se que por ser um dos pilares da organização das sociedades modernas, cujos sentidos seriam de amplo alcance por entre os estratos sociais, a significação de “família” fosse, falando em termos gerais, plenamente praticada na sociedade, de modo unívoco e acessível para todos. Mas esse discurso não aparece. Em seu lugar surge o silêncio.

Algumas hipóteses podem ser aventadas, dentre as quais a que explica que ocorre pouca familiaridade da entrevistada com o gênero textual solicitado, que seria eliciado pelo tipo de pergunta que se faz, visando deflagrar um texto expositivo-argumentativo. Outras

compreensões para esse comportamento linguístico dizem, por exemplo, que a interlocutora de menor prestígio social, sabedora de que a sua não é a fala mais aceita e considerada, e levando em conta que é uma pessoa que se encontra, naquele momento, dentro de uma instituição social que lhe assegura alguma assistência³, resolve que não responder pode ser uma alternativa, já que o seu entendimento sobre a questão, se diferenciado, poderá levar a um julgamento que lhe é desfavorável.

Entendemos que essas performances do sujeito falante podem efetivamente funcionar; isto é, que devemos, em momentos em que nos é possível deliberarmos sobre a linguagem e o que podemos/devemos fazer com ela, adotar, de algum modo, conscientemente, algum caminho na escolha, na seleção, na opção de falar ou de silenciar. É uma ação do sujeito falante que tem algum poder de decisão.

Por outro lado, a fala de família que esperamos, pode ser descrita, em termos bakhtinianos, como uma fala moldada em outras esferas, que não a esfera do contemporâneo, isto é, do contemporâneo daquele sujeito. É uma fala impositiva, uma fala que vem de outro lugar. Um discurso de autoridade, ainda não reconhecido por aquele sujeito. Por isso, uma palavra ainda não assimilada.

Nos poucos momentos em que a menina resolve falar, o que ela diz sobre a família não corresponde ao discurso autorizado sobre essa instituição basilar de organização da sociedade moderna: em suas palavras “uma família pode ajudar numas coisas e noutras, não”. No discurso institucionalizado sobre a família, *a família deve sempre ajudar, a família sempre ajuda*. Esse é o discurso oficial, autorizado. É o discurso divulgado pela própria família, pela Igreja, pela Escola, pela sociedade organizada e controlada.

Numa perspectiva de língua(gem) entendida como uma atividade dialogizada, em que a nossa palavra é sempre também palavra do outro, a compreensão do que acontece na situação de interação verbal deve-se dar também a partir da análise de como ocorre a transmissão da

³ Essas entrevistas foram realizadas dentro da Sede do Projeto Cidade Mãe, Casa de Oxum, destinada a acolher meninas de rua. Naquela época, às meninas que viviam nas ruas era oferecida uma merenda, todas as tardes, para que elas pudessem pouco a pouco se interessar pelo Projeto e, espontaneamente, aderir e incorporar-se ao grupo.

palavra alheia e de sua incorporação/ assimilação à nossa. Isso significa distanciar-nos de uma compreensão da língua enquanto um sistema de sinais fechado em seus limites; leva a entender que as significações devem ser estudadas no movimento da palavra em meio à vida social em que a linguagem é utilizada. Segundo Bakhtin

O discurso direto, tal como é entendido pela estilística tradicional, na sua orientação para o objeto encontra apenas a resistência do próprio objeto (a inexaustão da palavra, o seu caráter inefável), **porém ela não encontra, no seu caminho para o objeto, a resistência substancial e multiforme do discurso de outrem, ninguém a incomoda nem a contesta** (BAKHTIN, 1988, p. 85) (Grifos nossos).

Na fala da menina parece haver uma resistência, no caso, ao discurso da interlocutora pesquisadora que lhe fala de família e lhe pergunta sobre esse tema. Parece haver efeitos dessa palavra de autoridade atuando no fragmento da entrevista transcrito acima, na resposta da menina; ou talvez melhor seja dizer, na sua não resposta, no seu silêncio. O discurso de família é atravessado pela palavra de autoridade: “a família existe para ajudar os seus componentes em todas as situações”. Esse discurso de autoridade, essa palavra ligada às instituições, ao poder, parece não ter ainda reconhecimento por parte do interlocutor entrevistado. Essa palavra de autoridade nesse momento ainda não é reconhecida, é distante, é algo que a menina ainda não assimilou. Mas que pode vir a assimilar. A situação de silêncio, de fuga à questão proposta, pode ser um indício de que o reconhecimento de autoridade a que está ligada essa palavra pode vir a acontecer. E havendo o reconhecimento acontecerá a assimilação.

Carlos Faraco (2001, p. 2), um estudioso brasileiro do pensamento bakhtiniano, expressa com clareza o funcionamento das sociedades humanas e de como a língua e a cultura aí se entrelaçam na formação do homem, sujeito social, na passagem:

É no interior desse caldo de múltiplas vozes em múltiplas relações que nascem e se constituem os seres humanos. Para cada um, a realidade cultural se apresenta como um mundo de

vozes e suas relações de aceitação e recusa, suas convergências e divergências, suas harmonias e seus conflitos, suas intersecções e hibridizações⁴.

Dentro da perspectiva bakhtiniana de dialogia da palavra e da heteroglossia de nosso discurso, o estudo dos procedimentos de transmissão do discurso de outrem permite esclarecer um pouco mais o processo de formação ideológica do homem e da mulher; fornece bons critérios para compreendermos melhor como a língua(gem) funciona nos diálogos cotidianos e qual sua função no desenvolvimento cultural-ideológico do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. O problema do texto na lingüística, na filosofia e em outras ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 307-335.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1994. Edição Original, 1929.

BAKHTIN, M. O Discurso no Romance. In: _____. **Questões de Literatura e Estética**. A teoria do romance. São Paulo: Anna Blume/Hucitec, 1988. p. 71-210.

FARACO, C. A. Some sources of Bakhtin's dialogism seen in great time. In: ZYLKO, Boguslaw (ed.). **Bakhtin & his intellectual ambience**. Gdansk: Wydawnictwo Uniwersytetu Gdanskiego, 2002. p. 49-58.

Recebido em 15/09/2007.

Aprovado em 03/12/2007.

⁴ Fragmento traduzido pelo próprio autor, em texto xerocopiado, cedido gentilmente a esta pesquisadora.

SOBRE A AUTORA

Rosa Helena Blanco MACHADO é doutora em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, UFAL. Realizou estágio de Pós-Doutorado na Universidade Federal do Paraná. É professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas Campus I. Professora do PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens do DCHI Campus I. Tem experiência na área de Linguística, Análise do Discurso, Teoria e Análise. Temas de pesquisa: Discurso. Dialogismo. Linguagem e Sociedade.
E-mail: rosahelenablanco@gmail.com